

VLADIMIR ILITCH

LENINE



A Situação Política (Quatro Teses) (Julho 1917)

ORGANIZAÇÃO REGIONAL DE LISBOA DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS 

A Situação Política (Quatro Teses)

**Vladimir Ilitch Lénine
1917**

Escrito em 10 (23) Julho de 1917
Publicado a 20 Julho (2 Agosto) de 1917
no nº 6 do Jornal Proletárskoe Delo

Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de V.I.Lénine
Edição em Português da Editorial Avante, 1977, t2, pp 126-129
Traduzido das O. Completas de V.I.Lénine 5ª Ed. russo t.34 pp 1-5

1. A contra-revolução organizou-se, consolidou-se e, de facto, tomou nas suas mãos o poder de Estado¹.

A total organização e a consolidação da contra-revolução consistem na união excelentemente estudada e já materializada das três forças contra-revolucionárias principais: 1) o partido dos democratas-constitucionalistas, isto é, o verdadeiro chefe da burguesia organizada, retirando-se do ministério apresentou a este um ultimato, preparando o terreno para o derrubamento deste ministério pela contra-revolução²; 2) o Estado-Maior General e os altos comandos do exército, com a ajuda consciente ou semiconsciente de Kérenski, que até os socialistas-revolucionários mais destacados chamaram agora Cavaignac, tomaram de facto o poder estatal nas mãos, passando a metralhar as unidades revolucionárias das tropas na frente, a desarmar as tropas e os operários revolucionários em Petrogrado e em Moscovo, a sufocar e esmagar Níjni-Nóvgorod, a prender os bolcheviques e a fechar os seus jornais não só sem julgamento mas mesmo sem decreto do governo. De facto o poder estatal fundamental na Rússia é hoje uma ditadura militar; este facto é ainda dissimulado por uma série de instituições revolucionárias em palavras mas impotentes de facto, mas é um facto indubitável e tão fundamental que sem compreendê-lo não se pode compreender nada da situação política. 3) A imprensa monárquica cem-negrista e a burguesa, que já passaram da furiosa campanha contra os bolcheviques para a campanha contra os Sovietes, contra o «incendiário» Tchernov, etc., demonstraram com a maior clareza que a verdadeira essência da política da ditadura militar, que hoje domina na Rússia e é apoiada pelos democratas-constitucionalistas e os monárquicos, consiste em preparar a dispersão dos Sovietes. Muitos chefes socialistas-revolucionários e mencheviques, isto é, da actual maioria dos Sovietes, já reconheceram e exprimiram isto nestes últimos dias, mas como autênticos pequenos-burgueses fogem a esta terrível realidade com uma fraseologia vazia e sonora.

¹No dia 2 (15) de Julho de 1917 os ministros democratas-constitucionalistas Chingariov, Manuílov e Chakhovskói saíram do Governo Provisório, a pretexto de não concordarem com a posição do governo quanto à questão ucraniana. A verdadeira causa da demissão do governo dos democratas-constitucionalistas era criar uma crise governamental com o propósito de exercerem pressão sobre os ministros “especialistas” e obrigá-los a concordarem com a aplicação do programa contra-revolucionário dos democratas-constitucionalistas: dissolução da Guarda Vermelha, retirada das tropas revolucionárias de Petrogrado, proibição do Partido Bolchevique.

²Lénine refere-se às manifestações de massas realizadas em Petrogrado em 3-4 (16-17) de Julho de 1917. Estes acontecimentos foram o reflexo de uma profundíssima crise política no país. No dia 3 (16) de Julho, começou uma manifestação que esteve muito próximo de se converter num levantamento armado contra o Governo Provisório por este ter lançado as tropas numa ofensiva que ia manifestamente malograr-se. O Partido Bolchevique era na altura contra o levantamento armado porque não considerava oportuno o momento, uma vez que a crise revolucionária no país ainda não amadurecera. Na reunião do Comité Central realizada em 3 (16) de Julho foi decidido não empreender qualquer acção. A mesma decisão foi também tomada na Conferência dos Bolcheviques da cidade de Petrogrado. Os delegados à Conferência foram para as fábricas e para os bairros da cidade com o propósito de impedir que as massas se lançassem à acção. Mas esta já fora iniciada e revelou-se impossível conter o movimento. O Comité Central, em conjunto com o Comité de Petrogrado e com a Organização Militar, considerando o estado de espírito das massas, decidiu na sua reunião da noite de 3 (16) de Julho, participar na manifestação de 4 (17) de Julho com o fim de lhe comunicarem um carácter pacífico e organizado. Mais de 500.000 pessoas participaram na manifestação do dia 4 (17) de Julho, que decorreu sob as palavras de ordem bolcheviques de “Todo o Poder aos Sovietes!”, etc. Os manifestantes exigiram que o Comité Executivo Central (CEC) tomasse o poder no país, mas os dirigentes socialistas-revolucionários e mencheviques recusaram-se a tomar o poder. O Governo Provisório, com conhecimento e consentimento do CEC menchevique-socialista-revolucionário, lançou contra a manifestação pacífica destacamentos de cadetes e cossacos contra-revolucionários, que abriram fogo sobre os manifestantes. Na reunião dos membros do CC e do Comité de Petrogrado realizada na noite de 4 para 5 de Julho e dirigida por Lénine, foi decidido suspender organizadamente a manifestação. Os mencheviques e os socialistas-revolucionários juntaram-se aos partidos burgueses nos ataques ao Partido Bolchevique. Começaram o desarmamento dos operários, as prisões, as rusgas e os pogromes. Após os acontecimentos de Julho, o poder no país passou inteiramente para as mãos do Governo Provisório contrarevolucionário. Os Sovietes transformaram-se num simples apêndice dele. Terminou a dualidade de poderes e também a fase pacífica da revolução.

2. Os chefes dos Sovietes e dos partidos socialista-revolucionário e Menchevique, com Tseretéli e Tchernov à frente, traíram definitivamente a causa da revolução ao pô-la nas mãos dos contra-revolucionários e ao converterem-se a si próprios e aos seus partidos e aos Sovietes em folha de parreira da contra-revolução.

Este facto é demonstrado pela circunstância de que os socialistas-revolucionários e os mencheviques traíram os bolcheviques e aprovaram tacitamente a destruição dos seus jornais, sem se atreverem sequer a dizer ao povo de modo directo e aberto que o faziam e porque o faziam. Ao legalizar o desarmamento dos operários e dos regimentos revolucionários, privaram-se a si próprios de todo o poder real. Converteram-se em tagarelas absolutamente vazios que ajudam a reacção a «distrair» a atenção do povo até que ela termine os seus últimos preparativos para dispersar os Sovietes. Sem reconhecer essa bancarrota total e definitiva dos partidos socialista-revolucionário e menchevique e da actual maioria dos Sovietes, sem reconhecer o carácter totalmente fictício do seu «directório» e doutras mascaradas, não é possível compreender absolutamente nada em toda a situação política actual.

3. Todas as esperanças de um desenvolvimento pacífico da revolução russa se desvaneceram definitivamente. A situação objectiva é esta: ou a vitória da ditadura militar até ao fim ou a vitória da insurreição armada dos operários, que só é possível se coincidir com um levantamento profundo das massas contra o governo e contra a burguesia, com base na ruína e no prolongamento da guerra.

A palavra de ordem da passagem de todo o poder aos Sovietes foi a palavra de ordem do desenvolvimento pacífico da revolução possível em Abril, em Maio, em Junho e até 5-9 de Julho, isto é, até o poder passar de facto para as mãos da ditadura militar. Agora essa palavra de ordem já não é justa, pois não tem em conta esta mudança operada nem a completa traição dos socialistas-revolucionários e mencheviques à revolução. Não são as aventuras, não são os motins, não são as resistências isoladas, não são as tentativas desesperadas de opor-se isoladamente à reacção que podem ajudar neste assunto, mas somente a clara consciência da situação, a firmeza e a resistência da vanguarda operária, a preparação das forças para uma insurreição armada, cujas condições de vitória são agora terrivelmente difíceis mas possíveis, no caso de se verificar uma coincidência nos factos e tendências assinaladas no texto da tese. Nada de ilusões constitucionais e republicanas, não mais ilusões sobre uma via pacífica, nada de acções dispersas, não devemos deixar-nos levar **agora** pela provocação dos cem-negros nem dos cossacos, mas reunir forças, reorganizá-las e prepará-las firmemente para uma insurreição armada, se o curso da crise permitir fazê-lo numa verdadeira escala de massas, de todo o povo. A passagem das terras para os camponeses é agora impossível sem uma insurreição armada, pois a contra-revolução, tendo tomado o poder, uniu-se completamente aos latifundiários como classe.

O objectivo da insurreição armada só pode ser a passagem do poder para as mãos do proletariado, apoiado pelo campesinato pobre, a fim de realizar o programa do nosso partido.

4. O partido da classe operária, sem abandonar a legalidade, mas sem sobrestimá-la nem por um momento sequer, deverá **combinar** o trabalho legal com o ilegal, como nos anos 1912-1914.

Não abandonar nem por uma hora sequer o trabalho legal. Não acreditar nem um só instante em ilusões constitucionais e «pacíficas». Criar imediatamente em toda a parte e em tudo organizações ou células ilegais para publicar folhetos, etc. Reorganizar-se imediatamente, disciplinada e firmemente em toda a linha.

Actuar como nos anos 1912-1914, quando sabíamos falar do derrubamento do tsarismo pela revolução e pela insurreição armada sem perder a base legal nem na Duma de Estado, nem nas caixas de seguros, nem nos sindicatos, etc.